

Estudo da Sexualidade em Gênesis 1, 2, 3 e Cânticos: Suas Implicações para o Estilo de Vida Adventista

Eric Lopes e João Vitor Ribeiro Pinto

UNASP

EGR



Estudo da Sexualidade em Gênesis 1, 2, 3 e Cânticos: Suas Implicações para o Estilo de Vida Adventista

Eric Lopes¹

João Vitor Ribeiro Pinto²

Resumo: A sexualidade é um tema de grande relevância na cultura popular atual, sendo alvo de diferentes tipos de meios de propagação cultural como mídias sociais, filmes, séries, músicas e literaturas. No entanto, o que se observa é que em sua maioria, os parâmetros sexuais existentes atualmente são diferentes dos mais antigos. Diante dessa constante mudança, surge o questionamento de qual seria a conduta adequada na área sexual. No concernente aos princípios sexuais bíblicos destacam-se os livros de Gênesis e Cânticos como especiais expoentes desse tópico. sendo analisados com o intuito de destacar as prescrições ali contidas para a sexualidade em um contexto anterior e posterior à entrada do pecado no mundo, bem como seu papel restaurador em Cânticos.

Palavras-chave: Sexualidade. Gênesis. Cânticos. Casamento. Ellen White. Estilo de vida.

Abstract: Sexuality is a topic of great relevance in contemporary popular culture, disseminated through various forms of cultural media such as social media, films, series, music, and literature. However, what is observed is that, for the most part, current sexual norms differ from older ones. Considering this constant change, the question arises as to what constitutes appropriate conduct in the sexual realm. Regarding biblical sexual principles, the books of Genesis and Song of Songs stand out as special representatives of this topic and are analyzed here to highlight the prescriptions they contain about sexuality in contexts both before and after the entrance of sin into the world, as well as the restorative role presented in Song of Songs.

Keywords: Sexuality, Genesis, Songs, Marriage, Ellen White, Lifestyle.

¹ Graduando em Teologia pelo Centro Universitário Adventista de São Paulo. Email: erick@unasp.edu.br

² Graduado em Ciências Políticas pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro e graduando em Teologia pelo Centro Universitário Adventista de São Paulo. Email: joao.rpinto@unasp.edu.br

1. Introdução

Desde o começo da Bíblia, já é abordado, em seus primeiros capítulos, o tema da sexualidade, sendo seu surgimento atrelado ao começo da própria humanidade. Mediante análise do primeiro capítulo do livro de Gênesis, facilmente nota-se a perfeição de tudo o que foi criado. Tendo a sexualidade sido criada nesse contexto, entende-se então que ela seria boa. Dessa perspectiva, não é possível entender que os anseios sexuais do homem e da mulher são negativos ou mesmo pecaminosos, pelo contrário, são dádivas divinas. Além da criação do homem e, conseqüentemente, da sexualidade, Deus também estabelece um padrão de relacionamento, de forma que é possível entender os três primeiros capítulos de Gênesis como uma base dada pelo criador para o ideal de sexualidade apresentado ao longo da Bíblia e para toda a humanidade atualmente.

Ainda nesse sentido, percebe-se que antes mesmo de estabelecer o casamento, a sexualidade humana já era uma questão abordada por Deus, tendo em vista que o contexto da criação é relatado:

E Deus disse: — Façamos o ser humano à nossa imagem, conforme a nossa semelhança. Tenha ele domínio sobre os peixes do mar, sobre as aves dos céus, sobre os animais domésticos, sobre toda a terra e sobre todos os animais que rastejam pela terra. Assim Deus criou o ser humano à sua imagem, à imagem de Deus o criou; homem e mulher os criou. E Deus os abençoou e lhes disse: — Sejam fecundos, multipliquem-se, encham a terra e sujeitem-na. Tenham domínio sobre os peixes do mar, sobre as aves dos céus e sobre todo animal que rasteja pela terra (Gn 1:26, NAA).

Dessa forma, é possível entender que a sexualidade já fazia parte do plano de Deus, não apenas para a satisfação humana, mas também como ferramenta sistemática para povoar o planeta recém-criado.

2. O Casamento

Como fundamento do que é possível chamar de teologia da sexualidade, o relato aponta que Deus instituiu o casamento em Gênesis 2:24, estabelecendo que o homem e a mulher, seriam uma só carne. Dessa forma, como observado por [Aécio Cairus \(2011\)](#), o homem e a mulher de Gênesis haviam sido feitos literalmente da mesma carne e agora tornam-se oficialmente um só, ou seja, Deus didaticamente os lembra que como anteriormente os dois se encontravam em um, agora como um casal, deveriam agir da mesma forma, assim é marcada a importância, seriedade e vitalidade do casamento.

Ao voltar para o momento da criação da humanidade, [Philip Chia \(2019\)](#) destaca a relação problema-solução existente nos versos 20 e 21 do capítulo 2 de gênesis. Tal lógica é vista nos dias da criação onde existe um painel, de forma que as criações dos três primeiros dias são completas pelas criações dos três dias seguintes. Em vista disso, é possível entender que a percepção de solidão por parte do homem foi propositalmente ocasionada para então ser solucionada com a criação da mulher. Logo, entende-se o casamento não como um arranjo improvisado para sanar uma necessidade, mais um plano elaborado cuidadosamente por Deus, visando que ambos se valorizassem e percebessem a necessidade mútua de companheirismo idôneo.

Segundo [Deborah Sawyer \(2002\)](#), seria possível identificar desde o princípio uma relação triangular composta por Deus, pelo homem e pela mulher, sendo esse já um retrato exemplar do que é o reto comportamento matrimonial. Nesse sentido é possível entender que desde o início do casamento, a presença e a benção de Deus devia ser algo central e a qual o casal deveria utilizar de base para a união deles.

Em suma, entende-se que Deus planejou a união do homem e da mulher no casamento de forma que ambos se completassem e auxiliassem, formando uma unidade com o relacionamento baseado e orientado pelo próprio Deus criador. [Marcin Krycki \(2017\)](#) destaca ainda que por essa instituição ser detalhadamente descrita e prescrita no início do pentateuco, denota-se um caráter nobre e sério, entendendo como um modelo a ser seguido padronizadamente.

3. Homem e Mulher

Observando o relato da criação é possível destacar o fato de a sexualidade, ou seja, os gêneros masculino e feminino, terem sido estabelecidos e limitados diretamente por Deus ao criar a humanidade, não dando margem para surgimento de outro que não esses pré-determinados. Nota-se ainda que por ocasião do casamento relatado em Gênesis 2:24, havia duas pessoas, sexualmente diferentes e complementares, que desde sua criação já eram distintas, um sendo o homem e a outra a mulher.

Acerca desse tópico, [Gerhard von Rad \(1965\)](#) pontua que o plural utilizado no verso 27, onde diz “Ele os criou”, não deixa margem de dúvida de que por ocasião da criação, os gêneros já haviam sido bem determinados.

Em vista dessa clara distinção entre os sexos, é especificado também a forma de união estabelecida por Deus, uma união heterossexual, onde homem e mulher, macho e

fêmea, tornam-se um, o casamento é marcado pela dualidade e complementação, abençoado pela benção da procriação. Nesse sentido, [Karl Barth \(1956\)](#) entende que é impossível falar acerca da humanidade fora dos parâmetros de homem ou mulher, sendo a própria humanidade existente por essa dualidade.

4. Monogamia

Tendo Deus criado homem e mulher, a história segue e desenvolve-se no casamento deles, um dos aspectos claramente especificados dessa união é o fato de que o casamento estabelecido no Éden é um relacionamento monogâmico. Nesse sentido, [Richard Davidson \(2012\)](#) destaca a utilização de palavras no singular ao abordar o homem e a mulher no capítulo 2, verso 24 de Gênesis, enfatizando a existência de apenas um exemplar de cada sexo.

A percepção da existência de apenas um par de pessoas é fortemente corroborada pela utilização do termo “um homem e sua esposa”, no mesmo trecho. Outra evidência pode ser encontrada ao analisar a mesma passagem na septuaginta, onde está escrito “os dois se tornarão uma só carne”.

Ainda é possível notar que, conforme relatado por Robert Bowman Jr., a linguagem utilizada na estrutura do verso aponta um caráter de aliança e concerto, sendo esse pensamento corroborado por [Margaret Peterson \(2002, p. 502. Tradução nossa\)](#): “a união de um homem e uma mulher em um exclusivo e procriativo concerto de casamento é apresentado como a intenção criativa de Deus.”

5. Igualdade

Ao texto destacar o homem e a mulher enquanto uma só carne, um ponto especificado por Deus é a equidade e ausência de hierarquia dentro do casal. Ao analisar a perícopes de Gênesis 1:26-28, [Helen Schtingel-Straumann \(1993\)](#) destaca que homem e mulher foram abençoados e igualmente ordenados a dominar sobre a criação e procriar, logo, dessa forma não há margem para que um dos gêneros seja hierarquicamente superior ao outro, já que ambos estão na mesma posição.

Ainda nesse contexto, [Richard Davidson \(2012\)](#) destaca:

Gênesis 2:15 torna mais explícito a criatividade ousada envolvida em subjugar a terra: eles deveriam "cultivar" (‘āḇəḏāh) e "guardar" (šāmərāh) o jardim. Esses termos significam literalmente "servir" e "proteger", respectivamente. O homem e a mulher recebem a responsabilidade de uma administração cuidadosa, servindo e protegendo o ambiente ao seu redor. Essas duas palavras, usadas em par, também compõem a expressão usada em Êxodo para o serviço dos sacerdotes e levitas no santuário (tradução nossa).

Dessa forma, Deus teria atribuído a ambos, homem e mulher não apenas as mesmas responsabilidades e direitos, mas a mesma função, sendo na concepção de Davidson um exemplo sacerdotal. Tal entendimento colabora para a percepção de igualdade existente entre o casal.

Acerca da posição e responsabilidade de um para com o outro, [Umberto Cassuto \(1961\)](#) entende que por a costela estar no lado, a mulher também deveria ficar ao lado do homem, não apenas no sentido de estar abaixo (inferioridade) ou acima (superioridade), mas também no sentido de apoio e parceria, sendo uma responsabilidade compartilhada por ambos, o apoio e suporte mútuo.

Ao abordar o relato da criação da mulher, [Victor Hammilton \(1990\)](#) destaca as palavras utilizadas pelo escritor, sendo os termos mulher “iššāh” e homem “iš”, ao invés de fêmea “nəqēbāh” e macho “zākār”. Isso apontaria para uma ênfase na identidade e equidade do primeiro casal.

6. Exclusividade

Outro princípio possível de destaque é observado por [Davidson \(2007\)](#) ao abordar Gênesis 2:24, onde ao dizer deixar pai e mãe, o termo hebraico utilizado para “deixar” é “ya‘āzāḇ”, que indica um abandono, mesma expressão utilizada para quando o povo de Israel rejeita a Deus. Tal utilização indica que Deus planejava a união do homem e da mulher como algo extremamente íntimo e exclusivo, de forma que outros não deveriam se envolver nesse processo, nem mesmo pai e mãe.

Ainda com base na utilização dessa expressão é possível entender que a separação em relação aos pais não seria apenas externa, ou seja, formar seu próprio lar, mas também algo interno, uma alternância de lealdade, não sendo mais prioritariamente aos pais, mas agora ao cônjuge.

Em vista disso, é notória intensa dedicação e devoção mútua, não existindo espaço no casamento para interferências ou até mesmo participação de qualquer um que não seja o homem e a mulher envolvido na união.

7. Permanência

Ao continuar analisando o verso 24, destaca-se a ação de o homem se unir à mulher, que em hebraico é utilizada a palavra “*dābaq*”, atrelando um significado de forte união e apego. Nesse sentido, Davidson destaca que essa palavra é utilizada outras vezes na Bíblia para representar uma aliança especial e solene, uma união entre Deus e Israel (Dt 10:20; 11:22; 13:5; Js 22:5; 23:8; 2Sm 20: 3 2Rs 18:6). Considerando a profundidade dessa ligação, sendo inclusive utilizada a mesma palavra para a união de Deus, [Natanael Moraes \(2007\)](#) ressalta o papel de Deus como testemunha da aliança, tendo isso ocorrido em Gênesis e se aplicando a todos os casamentos, tal conceito também é expresso em Malaquias 2:14.

Além dessa interpretação, outro ponto apontado no primeiro livro da Bíblia é a visão de Deus unindo o primeiro casal, de forma que o entendimento de Deus como testemunha e responsável pela união é ratificado em Mateus 19:6, quando Jesus diz que aquilo que foi ajuntado por Deus não deve ser separado pelo homem, apontando assim uma não deterioração desse concerto.

Nesse sentido, é possível perceber que essa aliança que está sendo feita é profunda e extrema, uma união total e indissolúvel, devendo ser perpetuamente honrada e cuidadosamente mantida, tal qual cabia ao povo não se afastar de Deus e ficar eternamente ligado exclusivamente a Ele, assim deve ser a atitude do homem e da mulher no casamento.

8. Intimidade

Ao dizer que homem e mulher seriam uma só carne, de acordo com [Davidson \(2007\)](#), Deus estaria dizendo que os dois com o tempo, não imediatamente, se alinhariam e se tornariam um. Além disso, a palavra “*bāsār*”, não faria referência apenas à carne num sentido físico, mas também como relacionamento humano.

Mediante tal entendimento e a percepção do texto hebraico trazido por [Samuel Terrien \(2004\)](#), Deus teria prescrito a Adão e Eva um processo de unificação, que passa por uma união física, bem como desenvolvimento de pensamento e mentalidade conectados, sendo esse processo marcado pela intimidade.

Nesse sentido, [Vogel \(1978\)](#) destaca que o casamento é a mais profunda unidade existente, abrangendo todas as dimensões - emocional, física e espiritual. Percebe-se

assim o aspecto essencial da unidade no casamento e do compartilhamento da vida e de características e pensamento.

9. Santidade

Ao falar sobre santidade, [Davidson \(2007\)](#) entende que quando o homem e a mulher se tornam uma só carne, isso não implica apenas em um contexto sexual, mas também holístico, onde aspectos físicos, espirituais, intelectuais e emocionais fossem harmônicos e santificados. Dessa forma, além da união ser um tópico fundamental na sexualidade cristã, ela precisa ser dirigida pela santidade, a fim de que não se unam aspectos negativos, mas como casal tanto o homem quanto a mulher edifiquem-se mutuamente em uma relação especial de santidade.

Outro aspecto de destaque é observado em Gênesis 2:24 pelo uso da expressão “então”, nesse sentido [Robert Lawton \(1986\)](#) entende que isso definira um padrão de relacionamento para a humanidade futura, pois é estabelecida uma relação lógica entre os acontecimentos prévios e a orientação futura, tratando como uma reação natural, sendo, portanto, um indício de sexualidade e casamento como algo especial, de fato separado de ações corriqueiras, carregando em si uma santidade.

Já em Gênesis 1:31 Deus finaliza esse relato da criação dizendo que tudo era muito bom, inclusive a sexualidade que ali foi criada. Em vista disso, [Andrew Bowling \(1980\)](#), ressalta que a expressão “muito bom” utilizada no sexto dia, conota uma bondade extrema, santidade e beleza, logo tudo o que Deus criou naquele dia faz parte dessa exorbitante santidade e perfeição, tendo a humanidade, o casamento e própria sexualidade tendo sido criada nessa ocasião, deixando claro que não há qualquer sinal de impureza ou pecado nesse contexto, pelo contrário, perfeição extrema. Tal percepção é ratificada por ter o próprio Deus realizado o primeiro casamento e, após Sua declaração de satisfação, solenizar a união do homem e mulher em uma só carne, abençoando-a e santificando-a por Sua presença.

Considerando a presença de Deus como fator abençoador e santificador, torna-se difícil não ver uma possível ligação com o sábado, que também é normatizado com esses termos, assim, ao abordar o fim do relato da semana da criação, [Davidson \(2007\)](#) destaca como o Sábado e o Casamento são pareados, como o Sábado e o casamento são santos, abençoados e continuamente resgatados por Deus. Além disso, ambos são alianças, uma

entre marido e mulher, sendo sagrada no casamento, já a outra uma aliança entre Deus e humanidade representada no dia de dedicação ao Senho, o Sábado.

10. Sexualidade Pós-queda

Nos primeiros dois capítulos de Gênesis é possível ver os princípios estabelecidos por Deus para o casamento e a sexualidade, tendo essas instruções sido dadas em um contexto de perfeição e padronização. Contudo, o contexto em que isso ocorre é anterior ao estado atual da humanidade, um estado pré-queda, por conta dessa mudança em relação a humanidade é possível imaginar que talvez ocorressem mudanças nessa área também. Sendo assim, será analisado o relato bíblico de Gênesis 3, abordando a queda e como esse acontecimento afetou a sexualidade humana.

11. Nudez e Sofrimento

Nesse contexto, um tópico que se destaca é a imediata percepção de nudez mútua entre o casal. Em vista dessa ocorrência é possível questionar se a nudez e talvez até a consciência sexual não seria algo negativo. Entretanto, [Doukhan \(1978\)](#) destaca a palavra utilizada para nudez em hebraico, lembrando que essa ideia já havia sido mobilizada anteriormente, em Gênesis 2:25, sendo utilizado o termo “ärümmîm”, que representaria não uma ausência total de roupas, mas sim o que consta em Salmos 104, sendo descrito como vestimentas de luz e glória. Já ao observar o termo presente em Gênesis 3:7,10, 11, a palavra é “êrummim”, descrevendo agora sim uma nudez completa e até mesmo vergonhosa, como em Ezequiel 16:7, 22, 39. Dessa forma, entende-se que em nenhum momento a nudez ou a sexualidade em si foi considerada pecaminosa em um contexto anterior à queda ou posterior, o que se destaca por ocasião da queda de Adão e Eva é a perda da vestimenta de glória e a consequente percepção de pecado e culpa, sendo essa a razão da vergonha.

Após a percepção de nudez por parte do primeiro casal, o relato bíblico segue uma cena de tensão e uma espécie de julgamento, onde é apresentado o caso e as acusações, sendo posteriormente apresentadas consequências. Nesse contexto destacam-se duas afirmações semelhantes, uma aplicada ao homem e outra a mulher, em que à mulher é dito que passaria a dar à luz com dor. Já ao homem é dito que a terra seria maldita e com fadiga obteria o sustento. Analisando essas expressões, ficaria implícita uma suposta diferença na intensidade da consequência pecaminosa do homem e da mulher, sendo o do

homem aparentemente mais leve. No entanto, ao buscar a palavra utilizada no hebraico, encontra-se o termo “issabon” para os dois casos, dessa forma, analisando o texto original, fica claro que tanto homem quanto mulher passam a enfrentar sofrimentos de mesma intensidade, não havendo favorecimento algum para um gênero ou outro, mas sim consequências da escolha de rebeldia e desobediência que ambos fizeram, reforçando o pecado igualmente terrível de ambos.

12. Desejo

Apesar de essas primeiras consequências observadas abrangerem homem e mulher, logo em seguida é apresentado um aparente castigo, direcionado especificamente à mulher, isto é, quando em Gênesis 3:16c é dito que o desejo da mulher seria para o marido e ele dominaria sobre ela.

Ao analisar a primeira parte do verso, é dito sobre a mulher ter desejo para o seu marido. Mediante uma visão moderna e já carregada de estigmas, talvez fosse possível entender que Deus estaria colocando a mulher em uma posição de submissão dos seus desejos ao marido, que teria o direito de utilizá-la conforme ele desejasse, sem restrições. Entretanto não é isso que a Bíblia apresenta na visão de [Davidson \(2007\)](#), pois ao voltar para o “julgamento” poucos versos antes, vê-se uma desavença entre Adão e Eva, onde ele a acusa e gera uma fissura no relacionamento, porém para restaurar esse problema e unir novamente o casal é preciso que ela volte a desejá-lo, por isso Deus dá esse prognóstico, visando a restauração do primeiro casal. Posteriormente tal ideia é retomada em Cânticos 7:10,11 quando a mulher diz que o desejo do marido é para ela, mostrando assim uma intertextualidade com Gênesis 3:16 e mostrando que o desejo para o outro não é algo ruim, mas sim uma benção que colabora para a sustentação do casamento visando consertar a ruptura ocasionada pelo pecado.

13. Domínio

Nesse mesmo sentido caminha a abordagem a última parte do verso, onde o domínio que a mulher sofreria parece ser problemático e talvez até machista, contudo, Davidson direciona a leitura para o original hebraico, onde a palavra usada é “yimšhāl”, que não carrega o peso de dominar, mas sim de governar. Tal governo é balizado pelo exemplo dessa palavra em outras ocasiões na Bíblia, como em Gênesis 1:16 ao falar sobre o Sol e a Lua governarem respectivamente o dia e a noite, bem como em 2 Samuel 23: 3

onde diz que Deus domina sobre os homens. Nesse sentido fica claro que o domínio que está sendo proposto é um governo benigno, assim como os luminares e Deus governam, oferecendo sustento, proteção, amparo e cuidado. Portanto não há maldição nessas duas orientações, mas sim um trabalho restaurador da parte de Deus, visando fortalecer o casal para os desafios que enfrentariam em um mundo de pecado.

Em vista disso, observa-se não um Deus autoritário e sedento de vingança e castigo aos humanos agora caídos que O rejeitaram e traíram, mas sim um Deus de amor, que mesmo com Seus filhos em situação crítica de rebelião busca oferecer a eles Seu plano de bondade novamente como regra. Sendo assim, vê-se que mesmo em face do pecado, Deus começa a buscar a restauração do padrão sexual estabelecido ainda em um contexto pré-queda, de forma que durante o relato bíblico, não apenas em gênesis, mas em toda a escritura, sempre aborda a sexualidade e o casamento de uma perspectiva que busca restaurar o padrão edênico.

14. Interpretação do Livro de Cânticos

A interpretação alegórica de Cânticos é divulgada de formas variadas entre judeus e cristãos, traçando a introdução desse método hermenêutico com o início da era cristã. A pureza era associada com a renúncia sexual, quando a influência grega dualista platônica associava a matéria ao mal. A alegorização de Cânticos firmou sua influência no então início do Cristianismo e Judaísmo, através de uma visão da expressão do amor de Deus por seu povo.

A interpretação alegórica de Cânticos, aponta para vários grupos religiosos. Entre judeus, [Marvin Pope \(1977\)](#) descreve o desenvolvimento do conteúdo normativo da interpretação judaica como separada em seções que alegorizam acontecimentos históricos na história do povo judeu. [Weston Fields \(1980\)](#) apresenta que as primeiras interpretações judaicas dos Cânticos não utilizavam de alegorização, o estilo de hermenêutica inicia apenas com a era Cristã e se torna um método de interpretação no Talmud, Midrashim e Targumim.

O grupo cristão alegorista não somente reduzia, mas ignorava o senso literal completamente, como afirma [Davidson \(2007\)](#), há ainda a influência do dualismo platônico e do pensamento gnóstico enfatizado por [Harry Wolfson \(1970\)](#), Orígenes propôs um senso triplo de Escritura, o significado corporal era o menos importante, inútil

em seu significado literal, o moral podia ser “agarrado” por aqueles com mais conhecimento e o espiritual por aqueles com mais maturidade em suas faculdades espirituais.

Apesar do longo período em que a utilização da interpretação alegórica era comum, nas últimas décadas, a valorização de Cânticos como uma poesia humana de amor se tornou notável, diz [Pope \(1977\)](#), Harold acrescenta que “parece ser, o cântico de amantes, expressando seus prazeres um com o outro e as emoções quentes de seus corações”. Assumindo o livro de Cânticos em seu sentido pleno e literal, é celebrado “a dignidade e pureza do amor humano”. O livro exalta a beleza do amor sexual humano, Cantares apresenta uma série de princípios que confirmam a mensagem na narrativa de Gênesis.

15. Monogamia

O casal mencionado em Cânticos é parte importante da interpretação de seu texto que está conectado com a autoria do livro. [Davidson \(2007\)](#) conclui que Cantares 1:1 provavelmente significa “autoria de Salomão”, a preposição **לְ** é mais comumente usada para se referir às expressões de posse ou autoria em hebraico. Intérpretes bíblicos que discordam dessa assinatura, afirmando-a como não-histórica, ao mesmo tempo concordam que a maneira mais natural de leitura para o **לְ** em Cânticos é o *lamed* de autoria.

Considerando a autoria por parte de Salomão e o conhecimento geral acerca de sua vida, questiona-se se a essa altura havia um relacionamento monogâmico ou não. Richard Davidson destaca que o livro de Cânticos foi escrito no início do Reinado de Salomão e nessa ocasião ele ainda não havia se afastado dos preceitos divinos, de forma que seu relacionamento com Sulamita era monogâmico.

“Sessenta são as rainhas, oitenta, as concubinas, e as virgens, sem número.” (Ct 6:8), isso pode implicar que Salomão já possuía um harém, no entanto, “o verso não se refere a nenhum grupo de mulheres em particular, como esposas ou concubinas de Salomão. O jovem está dizendo: Existem numerosas rainhas e nobres donzelas ao redor, mas a minha é única”. O casamento e a atividade sexual do noivo e a noiva no cântico estão em um contexto de relação monogâmica. [Gianmarco Catacchio](#) reitera que o livro coloca ao “centro da experiência existencial humana a relação entre homem e mulher na inteireza de seus seres”, retratando-os como um pacto ao dizer:

Esta recíproca posse, este ser um do outro, e só do outro, tem o valor de uma aliança, de um selo, e é o próprio amor dos dois que funciona como sigilo: é a amada que faz de selo para o coração (consagração íntima e invisível do pacto de comunhão entre eles) e o braço (sinal visível) do amado, e vice-versa: —Põe-me como selo sobre o teu coração, como selo sobre o teu braço (8:6). Mais que qualquer ato de conúbio físico ou espiritual, é este pacto de amor e fidelidade recíprocos que dá valor à sua união.

A perspectiva monogâmica estabelecida em Cânticos corrobora com a interpretação de Kinlaw, ao dividir o livro em três partes históricas principais. O primeiro “O cortejo” (1:2-3:5), retrata o momento que o casal se conhece para se aprofundarem em sua relação. A segunda, “A Procissão Nupcial e o Casamento” (3:6 – 5:1) a aproximação de uma decisão definitiva, o casal está disposto a se unir de maneira plena. A terceira, “A Vida Amorosa” após o casamento (5:2 – 8:7) demonstra a continuidade do amor entre os cônjuges, nunca distante da paixão e da entrega mútua.

16. Intimidade

A intimidade no matrimônio é expressa através da evolução do casal em seus diferentes momentos da relação, um casal contido antes do casamento e a intensificação das atitudes dos cônjuges após o casamento propõe [Davidson \(2007\)](#). Antes do casamento a mulher deseja beijar (1:2), abraçar (2:6), e o homem se deita entre seus seios (1:12). Após o casamento, a experiência sexual se intensifica ao incluir a carícia aos seios e mamilos (7:8-9) e referências à relação sexual (7:13; 7:14; 8:2).

Davidson também afirma que a estrutura paralela de Cânticos apresenta outras progressões históricas no relacionamento sexual, como na visita ao campo antes do casamento (2:8-14). Entretanto, na segunda visita após o casamento há alusões à relação sexual (7:13-14). Sulamita em outro momento convida seu amante para ser como uma “gazela jovem sobre as montanhas rachadas” (2:17), em seu paralelo, porém, o refrão ‘parece intensificar’ e omitir qualquer limitação aos seios (8:14). Garret, em “Song of Songs” entende que “a limitação aos seus seios é intencional, pois eles ainda não são casados: ‘carícias’ sim, ‘carícias pesadas’ não”.

17. Casamento

Nas seções não paralelas do livro, Jack Deere identifica uma progressão da maturidade no relacionamento durante o período de cortejo (1:2 – 3:5), depois da noite do casamento (4:1 – 5:1), estão convivendo (5:2-7; 7:12-14). A esposa enfatiza sua

crescente segurança no esposo, no início ela é detentora de posse (2:16), na segunda ocorrência, a posse é de seu esposo e dela (6:3), na última, a mulher coloca o homem como o possuidor dela, além disso omite-se da posse sobre ele (7:11).

Declarando que a mulher é apresentada como virgem e que não há relação sexual até o momento do casamento, Garrett afirma que a linguagem é ‘sexualmente carregada, mas não há nenhuma declaração de que eles tenham alcançado a união sexual’. “A linguagem de Cantares (1:2 – 4:15) é carregada com antecipação sexual, assim como implica claramente que a consumação não ocorreu” finaliza Garret.

A consumação (5:1), assim como Gênesis 2:24, acontece ‘tornando-se os dois uma só carne’, indica a “comunidade mais harmoniosa que existe entre as pessoas, que é a unidade entre marido e mulher em todas as suas dimensões: emocional, física e espiritual”. Terrien afirma que essa unidade é ‘no sentido pleno da conjunção de corpos e mentes’.

Nos versos de Cântico, [Ariel Bloch e Davidson \(2007\)](#) afirmam que a mulher é tão ativa quanto o homem na relação sexual, ela o traz para o aposento do amor (3:4) assim como ele a traz (1:4; 2:4); ela usa expressões de carinho e o louva (5:2), assim como ele faz por ela (1:15).

Sobre a relação mútua entre o homem e a mulher [Daniel Grossberg \(1994\)](#) cita que “em todo o Cântico é dificilmente um pensamento, ideia ou tarefa que não é atribuído a ambos o homem e a mulher”. O casal é responsável por protagonizar de forma conjunta a ordenança divina.

O Cântico apresenta um paralelo ao Gênesis, o casal é “nascido para a mutualidade e amor. Estão nus sem vergonha; são iguais sem duplicação”. Jill Munro retrata a união ou comunhão que o amante tem com sua mulher redescobrimdo a bênção que a história do Éden falava.

18. Sexualidade na Perspectiva de Ellen White

A sexualidade na visão de Ellen White não é errada em si mesmo, quando ‘aquilo que é legal seja conduzido de modo adequado e não levado a excessos pecaminosos’. Os escritos bíblicos devem ser usados como guia para ‘introduzir-se lhes no coração, santificando-os e purificando-os de toda mundanidade e sensualidade da vida mais íntima. [...] pois todas as coisas aparecem abertas perante Deus, e dEle coisa alguma pode ser escondida.’

Em suma a escritora entende o amor conjugal como ‘princípio puro e santo’, afirmando que o amor verdadeiro manifesta o amor de Deus, o fervor espiritual ‘não perece pela negligência das oportunidades e privilégios que Deus graciosamente lhes deu’. Na criação de Eva entende-se então que ‘por Ele é o amor humano refinado e apurado, elevado e enobrecido’, White escreve:

O próprio Deus deu a Adão uma companheira. Proveu-lhe uma “adjutora” — ajudadora esta que lhe correspondesse — a qual estava em condições para ser sua companheira, e que poderia ser um com ele, em amor e simpatia. Eva foi feita de uma costela tirada do lado de Adão, significando que ela não o deveria dominar, como a cabeça, nem ser pisada sob seus pés como se fosse inferior, mas estar a seu lado como sua igual, e ser amada e protegida por ele. Como parte do homem, osso de seus ossos, e carne de sua carne, era ela o seu segundo eu, mostrando isto a íntima união e apego afetivo que deveria existir nesta relação. “Porque nunca ninguém aborreceu a sua própria carne; antes, a alimenta e sustenta.” Efésios 5:29. “Portanto, deixará o varão o seu pai e a sua mãe e apegar-se-á à sua mulher, e serão ambos uma carne.” Gênesis 2:24. LA 25.3

Sobre Gênesis 2:24, Ellen G. White afirma, “Deus celebrou o primeiro casamento. Assim esta instituição tem como seu originador o Criador do Universo. [...] o casamento é uma bênção; preserva a pureza e felicidade’ do gênero humano [...]”. A consumação acontece com aprovação divina. ‘Quando Deus não é consultado. Sentimentos, desejos e paixões humanas fazem desaparecer tudo diante deles’, diz Ellen. G White; as principais falhas de caráter não se tornam visíveis.

Observando a importância da presença de Deus na relação matrimonial White diz que ‘é seu privilégio comer, beber, negociar, casar e dar-se em casamento, mas só é seguro fazer essas coisas no temor de Deus.’ Apenas distante da bênção divina é que “não é amor puro o que atua num homem para fazer da esposa um instrumento a serviço de seu apetite sensual.”

A individualidade entre o casal não pode ser vista com diferenças de hierarquia. “A mulher que se submeter a ser sempre dirigida, mesmo nos menores assuntos da vida doméstica, que abrir mão da própria identidade, jamais será de grande utilidade ou bênção para o mundo, e não corresponderá ao propósito que Deus tem para a sua existência.” Ellen White aponta que “o verdadeiro amor possui uma base intelectual, um profundo e amplo conhecimento do objeto amado.” Não há sentimentos irracionais que envolvam o amor estabelecido por Deus.

Não há amor no relacionamento que há superioridade por algum indivíduo; em uma de suas cartas White afirma que “jamais se coloque acima de sua esposa. Ela necessita de bondade e amor, os quais serão retribuídos a você. Se espera que ela o ame,

necessita merecer esse amor manifestando amor e ternura em suas palavras e ações para com ela.” A aproximação com o ideal divino representa a ‘norma que pôs diante de nós’, ou seja, “[os cristãos que se casaram] devem devidamente considerar o resultado de cada um dos privilégios da relação matrimonial, e o santificado princípio deve ser a base de cada uma das ações.”

19. Conclusão

A sexualidade como aspecto importante e intrínseco da experiência humana está claramente delineada ao longo de diversos trechos das escrituras sagradas, destaca-se especialmente no contexto dos livros de Gênesis e Cânticos, onde foi mostrado no primeiro livro da Bíblia como a sexualidade foi estabelecida antes da queda e os padrões que devem regê-la, bem como a situação em que essa se encontra após a queda. Em Cânticos abordou-se como a sexualidade é tratada explicitamente como um paralelo ao plano divino, um livro que aponta para o retorno ao Gênesis.

A sexualidade é mais uma parte sagrada da bênção divina, demonstrada pelo reflexo da relação com o cônjuge, assim como Deus que se faz presente. A sexualidade se torna um território sagrado na perspectiva divina, entendendo a reverência, mas também sua celebração. O relacionamento com Deus, assim como sexualidade, espiritualidade, propósito se fazem em um. O termo sexualidade é ampliado ao entender que só pode ser entendido como parte da integralidade espiritual. O entendimento da sexualidade pós-queda passa a demonstrar a operação divina mesmo na imperfeição do mundo. Não há um abandono da parte de Deus pelo projeto original da Criação, mas uma restauração do que foi perdido.

Referências Bibliográficas

- ARCHER, Gleason L. A Survey of Old Testament Introduction. updated and rev. ed. Chicago: Moody Press, 1994. p. 537–538. Disponível em: unesco.net+15blog.mettzer.com+15infonormas.com.br+15. Acesso em: 13 de junho de 2025.
- BARTH, Karl. Church Dogmatics. Edited by G. W. Bromiley and T. F. Torrance; translated by J. W. Edwards et al. 5 vols. in 13. Edinburgh: T&T Clark, 1956–1969. vol. 3/2, p. 236.
- BÍBLIA. Bíblia Sagrada: Nova Almeida Atualizada. 1. ed. Barueri, SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2017.
- BLOCH, Ariel; BLOCH, Chana. The Song of Songs: A New Translation with an Introduction and Commentary. New York: Random House, 1995. p. 207.
- BOWLING, Andrew. Theological Wordbook of the Old Testament (TWOT). Vol. 1, 1980. p. 345–346.
- BOWMAN JR., Robert M. Genesis and the Definition of Marriage: Monogamy and Polygamy in Biblical History and Ethics. Apresentado no Encontro Anual da Evangelical Theological Society, sessão da Evangelical Philosophical Society, Atlanta, 17 nov. 2015. Disponível em: <https://www.academia.edu/18438877>. Acesso em: 4 jun. 2025.
- CAIRUS, Aécio E. A doutrina do homem. In: TRATADO DE TEOLOGIA ADVENTISTA DO SÉTIMO DIA. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2011. cap. 6.
- CASSUTO, Umberto. A Commentary on the Book of Genesis 1–11. Jerusalem, 1961. p. 134.
- CATACCHIO, Gianmarco. “O Cântico dos Cânticos, ou a sacralidade do amor humano no mais terreno dos livros sagrados.” *estrema: revista interdisciplinar de humanidades*, 2012. Disponível em: <https://11nq.com/7nRty>. Acesso em: 28 mai. 2025.
- CHIA, Philip Suciadi. A Marriage Concept on Genesis 2:21–24 (An Analysis of Latin Vulgate). *Didaskalia*, v. 2, n. 1, p. 29–36, abr. 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.33856/didaskalia.v2i1.68>. Acesso em: 28 maio 2025.
- DAVIDSON, Richard M. Flame of Yahweh: Sexuality in the Old Testament. 1. ed. Peabody: Hendrickson Publishers, 2007.
- DEERE, Jack S. “The Meaning of the Song of Songs: An Historical and Exegetical Inquiry.” ThD diss. Dallas Theological Seminary, 1984. p. 253–255.
- DOUKHAN, Jacques B. The Literary Structure of the Genesis Creation Story. (Andrews University Seminary Doctoral Dissertation Series, 5). Berrien Springs, MI: Andrews University Press, 1978. p. 81–88.

FIELDS, Weston W. "Early and Medieval Jewish Interpretation of the Song of Songs." *Grace Theological Journal*, v. 2, 1980, p. 221–231.

FOX, Michael V. *The Song of Songs and the Ancient Egyptian Love Songs*. Madison: University of Wisconsin Press, 1985.

GROSSBERG, Daniel. "Two Kinds of Sexual Relations in the Hebrew Bible." *Harvard Studies*, n. 34, 1994, p. 12, 15.

HAMILTON, Victor P. *The Book of Genesis: Chapters 1–17*. Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1990. p. 139.

KRYCKI, Marcin. O papel do relato da criação em Gênesis no desenvolvimento da monogamia no Antigo Testamento e sua recepção na Igreja Primitiva. *Colloquia Theologica Ottoniana*, v. 2, 2017. Disponível em: <https://wnus.usz.edu.pl/cto/en/issue/790/article/12898/>. Acesso em: 04 jun. 2025.

LAWTON, Robert B. Genesis 2:24: Trite or Tragic? *Journal of Biblical Literature*, v. 105, 1986. p. 97–98.

MORAES, Natanael B. P. Parousia: Divórcio e Novo Casamento. 2º sem. 2007. Disponível em: https://cdn.centrowhite.org.br/home/uploads/2023/02/Parousia-Divorcio-e-Novo-Casamento_-2-sem-2007.pdf. Acesso em: 12 jun. 2025.

MURPHY, Song of Songs. *Song of Songs*. p. 119. (cit. apud DAVIDSON, 2007). — Notar que citação "apud" não vai na referência final, só no corpo do texto.

ORÍGENES. Tratado sobre os Princípios. Livro IV, cap. 11. In: *Coleção Patrística*, vol. 30. São Paulo: Paulinas, n.d. p. 165.

PETERSON, Margaret Kim. Marriage. In: KROEGER, Catherine Clark; EVANS, Mary J. (ed.). *The IVP Women's Bible Commentary*. Downers Grove, IL: InterVarsity Press, 2002. p. 502–505.

POPE, Marvin H. *Song of Songs (AB 7C)*. Garden City, N.Y.: Doubleday, 1977. p. 89–112; 192.

ROWLEY, Harold H. "Interpretation of the Song of Songs," in *The Servant of the Lord and Other Essays on the Old Testament*. London: Lutterworth, 1952; repr. Oxford: Blackwell, 1965. p. 243.

SAWYER, Deborah F. *God, Gender, and the Bible. (Biblical Limits)*. London: Routledge, 2002. p. 29.

SCHÜNGEL-STRAUMANN, Helen. In: BRENNER, Athalya (ed.). *A Feminist Companion to Genesis. (The Feminist Companion to the Bible, 2)*. Sheffield, Eng.: Sheffield Academic Press, 1993. p. 75.

TERRIEN, Samuel. *Till the Heart Sings: A Biblical Theology of Manhood and Womanhood*. Philadelphia: Fortress Press, 2004. p. 15-16.

TRIBLE, Phyllis. *God and the Rhetoric of Sexuality*. Philadelphia: Fortress Press, 1978.

VOGELS, Walter. It is not good that the 'Mensch' should be alone; I will make him/her a helper fit for him/her: Genesis 2:18. *Église et théologie*, v. 9, n. 1, 1978. p. 9–35.

VON RAD, Gerhard. *Old Testament Theology*. Translated by D. M. G. Stalker. Vol. 1. New York: Harper & Row, 1965. p. 28.

WHITE, Ellen Gould. *Conduta sexual: testemunhos sobre abuso, homossexualidade, adultério e divórcio*. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2013. 259 p. Disponível em: https://biblioteca.sophia.com.br/9198/index.asp?codigo_sophia=793990. Acesso em: 14 mai. 2025.

WHITE, Ellen Gould. *Conduta sexual: testemunhos sobre abuso, homossexualidade, adultério e divórcio*. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2013. p. 105. Disponível em: https://biblioteca.sophia.com.br/9198/index.asp?codigo_sophia=793990. Acesso em: 14 mai. 2025.

WHITE, Ellen Gould. *The Review and Herald*. 25 set. 1888. Disponível em: <https://m.egwwritings.org/pt/book/821.9198>. Acesso em: 13 jun. 2025.

WHITE, Ellen Gould. *The Review and Herald*. 24 mai. 1887. Disponível em: <https://m.egwwritings.org/pt/book/821.8182#8182>. Acesso em: 13 jun. 2025.

WHITE, Ellen Gould. *Testimonies for the Church*. v. 2, p. 472-473. 1870. Disponível em: <https://m.egwwritings.org/pt/book/120.1914#1914>. Acesso em: 13 jun. 2025.

WHITE, Ellen Gould. *Conselhos para a Igreja*. p. 128.4. Disponível em: <https://m.egwwritings.org/pt/book/1723.878>. Acesso em: 13 jun. 2025.

WHITE, Ellen Gould. *A Ciência do Bom Viver*. p. 358-359. Disponível em: <https://m.egwwritings.org/pt/book/11255.573>. Acesso em: 13 jun. 2025.

WHITE, Ellen Gould. *The Youth's Instructor*. 25 out. 1900. Disponível em: <https://m.egwwritings.org/pt/book/469.1>. Acesso em: 13 jun. 2025.

WOLFSON, Harry Austryn. *The Philosophy of the Church Fathers: Faith, Trinity, Incarnation*. Cambridge: Harvard University Press, 1970. p. 270–280, 571–573.

YOUNG, Edward J. *An Introduction to the Old Testament*. Grand Rapids: Eerdmans, 1949. p. 336.